

## A música do silêncio

Atrás da cortina fechada do palco, os instrumentistas da orquestra se cumprimentavam pela bela apresentação, ainda ouvindo as palmas do público que havia lotado o teatro municipal. O maestro, feliz com o desempenho da orquestra, abraçava cada um dos músicos com entusiasmo. Mas nem todos estavam satisfeitos. Robert, segundo violoncelo da orquestra, era o único que não parecia feliz com o espetáculo. E sua insatisfação não passou despercebida do maestro.

- Algum problema, Robert? Deveria estar mais feliz. Fizemos uma excelente apresentação hoje...

- Maestro, o senhor sabe que não estou satisfeito e as razões da minha insatisfação.

- Sei sim. Mas este é um momento especial e talvez você devesse se congratular com os colegas, aproveitar este clima entusiasmado. Depois podemos conversar sobre aquela questão novamente, se você desejar.

- Pode ser logo amanhã?

- Passe no meu gabinete logo pela manhã. Agora vá abraçar seus colegas e comemorar. O desempenho de vocês foi excelente hoje.

Mas Robert preferiu ir para casa. Intimamente não se sentia entusiasmado sequer com a apresentação, muito menos para comemorar com os colegas da orquestra. Pensava com seus botões. “É impossível que o maestro não tenha percebido os deslizos do Frans. Não foi um ou dois. Foram vários... No terceiro movimento teve uma nota que ele errou completamente. E muitas outras que semitonaram muito claramente... Não foi uma excelente apresentação. Para mim, nem chegou perto do razoável. E a Melinda? O que

essa garota tem que eu não tenho? Amanhã o maestro vai ter que me explicar por que é que a chamou para primeiro violoncelo da orquestra, e não eu. Todos na orquestra sabem que toco com muito mais precisão que a Melinda e o Frans. Eu deveria ser o solista... ou, no mínimo, primeiro violoncelo...”

Robert não conseguiu conciliar o sono naquela noite. Por isso, quando apareceu na manhã seguinte no gabinete do maestro, apresentava olheiras profundas. O maestro logo notou.

- Noite mal dormida, Robert?

- Mais ou menos, professor...

- E pelo jeito a insônia não foi motivada por nenhuma festa, certo?

- Não fui com o pessoal...

- Eu já esperava. Uma pena... Vamos falar sobre isso então...

- Maestro, o senhor me desculpe mas...

- Vamos ver se adivinho... O Frans semitonou, errou nota, a Melinda é insegura nas notas altas e você está se sentindo injustiçado... acertei?

- O senhor sabe que sou preciso na execução das notas. Minha apresentação é sempre muito limpa...

- Vamos analisar algumas coisas juntos. Primeiro é preciso que você se desfaça desse sentimento de frustração. Sua técnica eu conheço muito bem. Mas, me fale sobre a música. O que a música representa para você?

Depois de alguns segundos de silêncio, Robert respondeu.

- Acho que a música é uma das coisas mais importantes na minha vida. Quando estou tocando, vejo a alegria no rosto dos meus pais, e até da minha irmã pequena. Mesmo em casa, quando estou ensaiando – e sempre estou ensaiando muito lá em casa, todos os dias, horas a fio – vejo o orgulho de meus pais. Meu pai já me disse, várias vezes, que eu vou ser um mestre no instrumento. Sinto que sou alguma coisa importante quando estou executando o instrumento. Depois das apresentações, as pessoas me elogiam muito, falam de minha execução limpa... até os músicos da orquestra comentam minha técnica apurada...

Fez-se uma pausa silenciosa... Então, o maestro interveio.

- Não perguntei sobre você. Perguntei sobre a música. Você está me contando seus sentimentos e emoções... Me fale sobre a música... Quero saber da música...

Robert fez uma cara de espanto. Falar sobre a música? Depois de se debater intimamente por alguns instantes com a questão, tentou...

- Bem, maestro... a música... como vou explicar... ela é... uma sequência de notas harmoniosas, ou não, que podem ser escritas numa pauta com colcheias, semi-colcheias, pausas, indicadores de compassos e outras convenções, desde muito tempo... e...

O maestro interveio.

-Robert, eu sei muito bem como se escreve a música... não me dê aula de notação musical. Me fale da música...

Robert tentou novamente...

- Ela representa alguma de nossas emoções, ela pode nos deixar felizes ou melancólicos, mexe com nossos sentimentos mais profundos, é uma forma de expressão de nossa alma, de coisas que a gente não consegue expressar com palavras, ou de outra forma qualquer...

- Robert... Eu conheço as propriedades da música. E garanto que sobre isso eu sei muito mais que você, e poderíamos ficar aqui horas falando da importância da música para o bem estar das pessoas, para as culturas populares, para a história do homem, de um modo geral... Mas ainda não ouvi nada que me demonstre o que você entende por música...

Robert, já um pouco irritado, disparou:

- Maestro.... Isso é alguma forma de teste? O senhor está querendo me testar? Ou me confundir? Por que não vejo onde o senhor está tentando chegar com essa ladainha... Música é música... como vou explicar? É inexplicável...

- Isso já é melhor que qualquer baboseira que tenha me dito até aqui. Entender que a música é algo inexplicável com as palavras já é um bom começo. Mas ainda é só um começo. Eu quero que você continue meditando sobre essa questão, apesar das coisas que vou lhe dizer agora... Veja, Robert. Acompanho sua evolução desde que você começou a estudar Violoncelo e posso garantir que sua técnica tem evoluído muito, e rapidamente. Você ainda é jovem, não completou 23 anos, e toca como gente grande.

Suas técnicas de arco e suas escalas são praticamente irretocáveis. Mas a você falta algo muito importante. Crucial até. E não sou eu quem vai descobrir isso em você. A não ser que você trabalhe muito, que se empenhe nesse processo que vou sugerir, duvido que possa descobrir esse tesouro de outra forma. O que falta a você, Robert, é a música que existe no silêncio.

Robert ouvia atentamente. Apesar de ser um pouco arrogante em razão de sua técnica perfeita, Robert tinha essa virtude. A humildade de ouvir os mestres. E respeitar seus ensinamentos. Na verdade, até então não havia entendido muita coisa. Mas esforçava-se por ouvir. O maestro continuava a falar.

- Você faz suas críticas ao Frans. E é verdade que a técnica dele não é tão apurada quanto a sua. Mas Frans toca seu instrumento há muito mais tempo do que você tem de idade. É um batalhador há 40 anos! E olha que Frans não tem o ouvido privilegiado que você e eu possuímos. Isso é dom de poucos. Frans precisou suar muito para atingir esse nível de excelência que possui hoje. E a apresentação de ontem foi a primeira importante de sua carreira como solista da orquestra. Seria natural que escorregasse em alguma nota. Tenho convicção que, com a tensão certa, nem tão ansioso nem relaxado demais, Frans vai conseguir apresentar o que eu sei que ele pode. Você mesmo poderá conferir. Dê-lhe alguns meses, um ano talvez, e Frans será um dos melhores solistas que esta orquestra já teve. E, volto a lembrar, sem o ouvido absoluto que poderia ajudar muito. Frans, no alto de seus 65 anos, já não se deixa levar mais por elogios ou críticas. Sabe seu potencial e suas limitações. Mas não deixa jamais de tentar superar-se. Sobre Melinda... Tive várias razões para colocá-la como primeiro Violoncelo da orquestra. Uma delas é que, diferente de você, Melinda toca a música para ela mesma, e para a

própria música. Ela se diverte muito. Está sempre satisfeita com o que alcança e se empenha pelo grupo. Você, como me disse, toca para seus pais, para sua irmã, pra mim talvez... Raramente está satisfeito, se diverte pouco e parece não se importar muito com o grupo... A verdade, Robert, é que a música ainda não lhe tocou... E receio muito colocá-lo numa posição ainda mais importante do que esta que você já tem na orquestra. Poderia fazer você acreditar, ainda mais, que já sabe tudo. E você não sabe. Seu ego é inflado demais. Esse é o grande perigo. Você pode se achar mais importante que a música... Sua técnica é primorosa. Mas existe muito mais música aí dentro de você. Eu vejo. Se você conseguir encontrá-la, poderá ser um grande mestre. Talvez ocupar o meu posto ou outros ainda mais importantes dentro de alguns anos. Se não encontrá-la, temo que já esteja hoje o mais longe onde poderá chegar. É preciso que seu ego dê espaço para que a música possa se revelar completamente.

Disse isso e se calou. Robert ouvia com atenção, também calado. Depois de alguns segundos, perguntou.

- Maestro, que posso fazer para encontrar essa música?

O maestro sorriu, finalmente.

- Fico feliz que você esteja disposto a encarar esse desafio. Me mostra que eu não estava errado em pensar que você teria humildade suficiente para encarar esse novo processo de aprendizagem. Preciso avisá-lo que não será fácil e que haverá momentos muito delicados. Mas se quiser mesmo procurar a sua música, quero que você faça algumas práticas. A primeira é ficar em silêncio alguns momentos todos os dias. Pode ser quinze

ou vinte minutos. Apenas sente-se e ouça sua respiração, fique atento a ela. Apenas coloque sua atenção nesse silêncio e veja se ele lhe diz alguma coisa, se canta alguma música. Não faça julgamentos, não tenha pressa de ouvi-la. Procure a tensão correta. Esforço demais ou relaxamento demais são vias erradas. Como uma corda do seu instrumento. Nem solta demais, de onde você não tiraria nenhum som, nem tensa demais, com o risco de se quebrar... Quero também que pratique o violoncelo sem o instrumento. Ouça as notas na mente, no coração. Ouça a melodia dentro do silêncio. Sem pressa, sem se preocupar com a precisão de seus dedos. Descanse os dedos e ponha a emoção para trabalhar. E uma terceira coisa...

- Pois não, mestre.

- Sei que seu pai é um excelente marceneiro. Você também sabe trabalhar com a madeira?

- Não tão bem quanto ele. Mas levo jeito.

- No momento adequado, vou pedir a você que me construa... uma cadeira... Corte a madeira e pregue as peças. Construa uma cadeira. Quando for o momento, eu lhe aviso.

Despediram-se e Robert voltou para a casa em total quietude, meditando profundamente sobre as palavras do maestro.

Nos dias, semanas e meses seguintes, Robert procurou seguir as orientações do maestro. Ficar em silêncio era a parte mais difícil. Quando se sentava para prestar a atenção na respiração, milhões de pensamentos assombravam a mente de Robert. O aprendiz não conseguia ouvir música nenhuma. Apenas o turbilhão de planos futuros, frustrações passadas, projetos, desejos e muitas outras coisas. Houve momentos de desespero, quando Robert pensou em desistir. Não só das práticas do mestre, mas também do

Violoncelo e até da música. Mas havia também uma força interna, inexplicável, que dizia, nos momentos de silêncio: “Vamos, vamos em frente, coragem rapaz!” Com o passar do tempo e muita dedicação, Robert foi finalmente se dando conta de quantas expectativas gerava em torno de sua vocação musical. De como utilizava a música para um fim qualquer, fosse para a aprovação dos pais, para orgulhar a irmã ou mesmo o maestro. De como utilizava a música como uma forma de preencher um vazio que sentia. De início considerou isso normal. A música poderia ser uma boa companheira nesses momentos vazios. Os meses corriam e o aprendiz persistia nas práticas, ousando cada vez mais dentro do silêncio, Robert percebeu que os pensamentos inoportunos começaram a perder a intensidade. Um conhecimento insuspeitado começou a surgir. Primeiro de maneira muito frágil e tenra. Muito sutil. Mas foi o suficiente para que ele ligasse para o maestro.

- Maestro. Acho que ouvi algo hoje. Estava fora de minhas expectativas, dos meus planos, dos meus desejos, dos meus medos... Era, talvez, apenas um nota fraca. Mas era a mais pura nota que eu já ouvi em toda minha vida.

- Ainda é um começo, Robert. Mantenha-se fiel às práticas. E, em breve, eu vou querer aquela cadeira...

Roberto persistiu nas práticas indicadas pelo mestre ainda muitos outros meses. Lentamente foi se familiarizando com o silêncio. Logo, prosseguia na prática por meia hora, quarenta minutos, uma, duas, três horas. Quando se deu conta, a prática tinha se tornado fundamental na sua vida. Os pais estranharam um pouco o silêncio no quarto de Robert, de onde, antes, se ouvia muitas notas do violoncelo. Mas Robert explicava que estava “estudando a pausa”, por orientação do maestro. Robert gostou dessa

denominação. “Estudar a pausa” passou a ser um dos principais métodos de estudo de Robert. Logo aquela nota frágil foi ficando mais clara e forte. Robert ouvia as sinfonias sem precisar tocar o instrumento. Mas, com isso, veio também uma imensa tristeza sem explicação. E ele precisou visitar o maestro.

- Maestro... Quando tudo parecia correr bem, quando eu finalmente estava escutando a música do silêncio, me sobreveio essa tristeza profunda... Eu não deveria me sentir mais feliz?

- Isso era de se esperar. Posso dizer até que indica que você realmente está no caminho certo. Quando perdemos nossas defesas, nossas armaduras, nossas referências do ego, um coração terno e vulnerável surge. Essa vulnerabilidade pode ser sentida como uma grande tristeza, um vazio, uma solidão. É como quando a gente se solta de algo que nos dá apoio. A sensação de liberdade chega junto com algum receio da queda. O que provavelmente está acontecendo é que a música está deixando de ser um caminho para alguma coisa para ser um fim em si mesma. Você começa a entender que não vale a pena usar a música como produto de barganha da aceitação e reconhecimento de seus pais, de ninguém, nem do próprio maestro. Seria como apenas se satisfazer com a migalha de um banquete... Sugiro que você penetre essa tal tristeza, essa sensação melancólica, que faça contato com esses sentimentos, sem fuga e sem desespero. Ouça essa música também. Não tenha medo. Ou, se sentir medo, ouça também a música do medo. Talvez você esteja se despedindo de um velho companheiro de jornada: a força do seu ego...

Robert manteve-se fiel ao espírito da prática por ainda muito tempo. Houve dias muito difíceis, dias de muita solidão e pranto. Dias em que Robert, confuso, não sabia mais

onde estava a música, onde estava seu entusiasmo, dias apoiados apenas no olhar seguro do maestro. Dias em que se sentia completamente vazio. E numa bela tarde de ensaio, o maestro o chamou no gabinete.

-Robert, você sabe que Melinda está saindo para lecionar na universidade. O que você acha de ser meu primeiro violoncelo?

- Maestro... pode parecer estranho... Mas já não me importo mais com isso. Cabe ao senhor avaliar se posso contribuir com o grupo. E se esse for o seu desejo, aceito o desafio.

- Esse é o espírito, Robert. Devo felicitá-lo pela conquista. Chegar a primeiro violoncelo de uma orquestra importante como a nossa aos 30 anos de idade, é para poucos. E, a propósito, quero aquela cadeira pronta em um mês, antes da abertura da temporada. Seria possível?

- Não há problema, maestro. Agradeço a sua confiança e vou tentar fazer o melhor que posso, ainda que eu não me sinta ainda a altura desse posto. Não estou certo de ter encontrado a minha música.

- É assim mesmo. Mas eu vejo a música em você. Me construa aquela cadeira, por favor. E, em tempo, você poderia finalmente me responder o que é a música?

Robert, em completa quietude, fechou os olhos e fez uma breve reverência silenciosa em direção ao maestro, que retribuiu com outra reverência silente. Despediram-se com um abraço e Robert saiu.

Durante as semanas seguintes, entre os ensaios com a orquestra e suas práticas do “estudo da pausa”, Robert cortou madeira, lixou as peças e, finalmente, pregou a

cadeira. Um dia antes da abertura da temporada da orquestra, com um concerto de gala no Municipal, Robert levou a cadeira pronta ao maestro.

- É uma boa cadeira, Robert. Uma madeira delicada e me parece que você se esforçou bastante. Parabéns!

- Obrigado maestro.

-Eu diria que a cadeira está perfeita... a não ser.... por esta quase imperceptível rachadura nesta parte detrás do assento... O que houve aqui, Robert?

- Ah.. o senhor notou? No momento de pregar as peças, eu estava utilizando uma técnica que aprendi com o meu pai. Se chama “as três marteladas”. Na primeira, o prego é posicionado. Na segunda, com precisão, o prego é fincado até o fim. A terceira apenas confere o serviço e coloca a cabeça do prego ao nível da madeira. São três marteladas precisas, executadas da mesma maneira. Ocorreu que este último prego estava num ponto um pouco mais frágil da madeira, que não suportou a terceira martelada e rachou.

O maestro, passou os dedos levemente sobre a madeira ferida e olhou nos olhos de Robert.

- Robert, aqui está a última lição que posso lhe dar antes que você percorra sua jornada sozinho, de agora em diante. Você já pode ouvir a sua música, mas ainda está um pouco limitado pela sua técnica perfeita. Você toca seu instrumento da mesma maneira que pregou esta cadeira. São movimentos perfeitos. Mas ao executar as marteladas de forma mecânica, você deixou de notar o detalhe num ponto frágil da madeira. E acabou por ferí-la. É isso que acontece quando confiamos demais na técnica. Cada martelada deve ser única, e necessariamente executada com total e plena atenção. Assim também é cada

movimento da nossa vida e cada nota a ser executada. Esqueça a repetição mecânica, por mais precisa que possa parecer. Cada nota é única, como cada momento de nossas vidas. Este é meu último ensinamento. Deixe sua música fluir amanhã na nossa apresentação.

A apresentação do dia seguinte foi um sucesso. Robert estreou como primeiro violoncelo da orquestra praticando alguns deslizes, só perceptíveis ao ouvido absoluto do maestro. Ao final, Robert estava feliz e satisfeito com sua apresentação e de toda orquestra. Abraçou os colegas e fez uma reverência especial ao maestro. Alguns anos depois se tornou um excepcional solista, requisitado por grandes orquestras. Mas manteve um modo de vida frugal, sem ostentação e indiferente aos rasgados elogios dos críticos, mas sempre amável com o público e seus colegas de orquestra. E, muito depois, já maestro de sua primeira orquestra, fez uma coleção de cadeiras, construídas por alguns pupilos, prodígios ou não, que ousaram seguir o “estudo da pausa”.